



## Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



## Olhando a Vida em Família: A Terceira Onda do Feminismo

Na altura do ano em que terminaram as férias, e voltamos à vida diária, voltamos também à nossa reflexão sobre o percurso do Feminismo, completando o nosso olhar sobre a terceira fase do movimento.

Abrangendo as décadas de 1990 e 2000, entre dois séculos e dois milénios, a Terceira Onda Feminista diversificou as abordagens e prioridades, e alargou os objetivos e horizontes do movimento.

Entre as questões levantadas, incluem-se o trabalho e a violência doméstica, duas problemáticas já aqui mencionadas, que se inserem na vida da mulher em família, a temática de hoje.

Ao longo da evolução, gradual mas marcante, na situação das mulheres – a mudança social de mais impacto na atualidade – feministas, homens e mulheres, sempre deram atenção ao espaço doméstico, onde tudo começa.

Nestas décadas de viragem, aumentam-se as iniciativas de planeamento familiar e controlo da natalidade. A idade em que as mulheres têm o primeiro filho também aumenta e o tamanho das famílias diminui, com resultados demográficos profundos. O número de casamentos vai descendo, enquanto o volume de divórcios cresce, com mudanças nas leis de custódia.

Tudo isto viria a reconfigurar a família, cada vez mais adaptada às particularidades de cada caso. Tinha-se desmoronado o paradigma da família tradicional.

Na reapreciação das relações em família, que se tornou inevitável, a partilha equilibrada das tarefas domésticas foi, e continua a ser, o grande desafio.

Quem não concorda? ♦

# A história da UMAR é a história das lutas das mulheres

Nascida em 1976, a UMAR União de Mulheres Alternativa e Resposta, cumpre este mês de Setembro de 2016, 40 anos de vida...

MARIA JOSÉ MAGALHÃES  
UMAR Presidente

Quatro décadas de luta pelos direitos das mulheres fazem da UMAR uma organização estruturante da sociedade portuguesa, na sociedade civil, no diálogo dialético com diversos governos e instituições e nos movimentos sociais.

Profundamente enraizada nas comunidades e nas interações sociais alargadas, a UMAR tem sido capaz de, em cada momento, ouvir os ensejos das mulheres, dar-lhes forma, amplificando as vozes femininas, lutando por conseguir melhores condições de vida e menos violência.

Se nos lembrarmos que, antes do 25 de Abril, as mulheres não ganhavam o mesmo salário que os homens no mesmo posto de trabalho, e que o marido tinha direito a receber o salário da esposa e esta não podia viajar para fora do país sem a sua autorização, já para não falar da violência no seio da família fechada e patriarcal que o regime fascista tão propagandeou.



UMAR União de Mulheres Alternativa e Resposta celebra 40 anos na luta pelos direitos das mulheres

Olhando para trás, vemos como percorremos tão longo caminho, como os direitos das mulheres, se não concretizados nas vidas reais, são um adquirido, em termos legais e na consciência pública.

Sabemos que algumas lutas foram mais duras do que outras. O direito a decidir se queremos ou não ser mães, a possibilidade de abortar por decisão da mulher, foi uma das mais duras. Também

pugnar por direitos sociais para as mulheres vítimas de violência doméstica não foi fácil. A lei mudou cedo (1982), mas o apoio às vítimas só tem expressão a partir de 1999, com a RCM (55/99) sobre rede de casas de abrigo, sendo que a sua efetividade só inicia em 2002, com a UMAR a gerir a primeira casa de abrigo da rede pública.

Hoje, enfrentamos novos desafios. E nós, umaristas mais jovens



ou mais recentes, temos de ir beber à sabedoria e conhecimento daquelas que atravessaram esta história da UMAR e das lutas pelos direitos das mulheres, para continuar a ter a clareza de definir as questões essenciais deste momento político em que as condições de vida e de trabalho piorou para muitas mulheres. E na linha da frente das nossas prioridades têm de estar as jovens e as idosas, numa luta pelo direito a sonhar e pensar o futuro com mais serenidade, assim como poder encarar o presente com a certeza de que a dignidade, em todas dimensões da vida, tem de ser assegurada para todas as pessoas. Estamos na luta! ♦

## Igualdade e Diversidade

### Paralímpicos Rio 2016: Felicitação - Atleta Terceirense Ana Filipe

No Rio de Janeiro, de 7 a 18 de setembro, comemorou-se a 1ª Edição dos Jogos Paralímpicos na América do Sul. Nesta competição estiveram presentes 164 países, cerca de 4400 atletas, que disputaram em 23 modalidades paralímpicas a conquista de várias medalhas, que se traduziram em 534 provas.



No top da conquista de mais medalhas temos a China, a Grã Bretanha e a Ucrânia com um total respetivamente de 239, 147 e 117 medalhas.

Para Portugal, esta foi a 9ª participação nos jogos paralímpicos. Os nossos 37 atletas disputaram em 11 modalidades e arrecadaram quatro medalhas de bronze, duas na modalidade de atletismo (Luís Gonçalves e Manuel Mendes) e duas na modalidade de bocha (equipe mista e José Carlos Macedo).

A nível regional congratulamos a atleta terceirense Ana Margarida Filipe, de 17 anos, pela sua prestação na modalidade de atletismo (salto em comprimento), de salientar que foi a primeira atleta formada nos Açores a participar nos jogos paralímpicos. ♦ MARLENE ALMEIDA

<https://www.rio2016.com/paralimpiadas/esportes>



“QUERIDA MARIA ISABEL BARRENO, Obrigada pela obra que nos deixaste. Obrigada pela tua enorme solidariedade feminista”. Até sempre! A direção da UMAR

## O Feminismo em Portugal está de luto

A UMAR lamenta profundamente a morte de Maria Isabel Barreno. Escritora, feminista, investigadora, autora de mais de 20 títulos e co-autora das Novas Cartas Portuguesas, Maria Isabel Barreno deixou-nos uma obra marcante, escrita ainda antes das Novas Cartas. Referência especial ao livro, infelizmente pouco conhecido, chama-se “A morte da mãe”. ♦

<http://www.umarfeminismos.org>